



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
CAMPUS DOS MALÊS
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

EMILIO MÁRIO TÉ

**PROCESSOS DE MUDANÇAS NA MANIFESTAÇÃO CARNAVALESCA
DA GUINÉ-BISSAU (1980-2010)**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

EMILIO MÁRIO TÉ

**PROCESSOS DE MUDANÇAS NA MANIFESTAÇÃO CARNAVALESCA
DA GUINÉ-BISSAU (1980-2010)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Márcio André de Oliveira dos Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

T245p

Té, Emílio Mário.

Processos de mudanças na manifestação carnavalesca da Guiné-Bissau (1980-2010) /

Emílio Mário Té. - 2017.

42 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Márcio André de Oliveira dos Santos.

1. Carnaval - Guiné-Bissau - 1980-2010. 2. Cultura popular - Guiné-Bissau. 3. Festa do N'turudu. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 394.250960

EMILIO MÁRIO TÉ

**PROCESSOS DE MUDANÇAS NA MANIFESTAÇÃO CARNAVALESCA
DA GUINÉ-BISSAU (1980-2010)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

DATA DE APROVAÇÃO: 24/07/2017

BANCA EXAMINADORA

Márcio André de Oliveira dos Santos – Orientador

Doutor em Ciência Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Ercílio Neves Brandão Langa – Examinador

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFCE
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Luciana Schleder Almeida – Examinadora

Doutora em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu tio, Carlos Pinho Brandão por acreditar muito em mim e me ensinar acreditar que um sonho pode ser realizado, mesmo quando eu o decepçionava, mas nunca abriu a mão de me ajudar, ele me criou como um filho eu também o considero como pai. Esse sonho não é meu sozinho mais é um sonho que consegui realizar graças a esse homem. Que Deus sempre o proteja e lhe conceda êxitos nesta vida terrena.

Agradeço a minha Luísa da Silva que era uma mulher batalhadora que cuidava sempre dos seus filhos durante os seus percursos estudantis e lhe deu bons conselhos como eu sou filho caçula dela e sempre preocupava mais comigo para me garantir um futuro melhor, só não conseguiu celebrar essa alegria junto comigo, visto que faleceu 5 de novembro 2012 antes eu vir estudar no Brasil.

E agradeço ao meu pai, Mário Té, que não viveu muito tempo comigo que morreu mais cedo que não acompanhou muito a minha trajetória, glória eterna para meus pais.

Agradeço às minhas irmãs e aos meus irmãos que sempre estão dispostos para me dar apoio moral e financeiro durante essa caminhada, que não é fácil, mas graças a Deus tudo está dando certo.

Agradeço ao meu mano Wnivaldo Cardoso Mané, que sempre me deu apoio aqui no Brasil. Que Deus o abençoe abundantemente e que não lhe deixe faltar nada junto com os familiares. Agradeço ao meu amigo Aerton Antônio de Almeida que me ajudou também muito nessa trajetória sem esquecer das minhas primas queridas Sadia Carine de Pinho Brandão, Marília Cardoso de Pinho Brandão e Naima Silva de Pinho Brandão; a agente cresceu junto e viveu como irmão, sem esquecer da minha querida tia Auzenda Barros que sempre me deu força para não desistir desta luta árdua e sempre me dizia que um dia dará certo, é uma pessoa hoje que considero mãe. Também, agradeço à Fatima Lopes Cardoso.

Agradeço ao meu sobrinho Fernando Landim Jr. como também as minhas sobrinhas Fenda, Ana Paula, Tereza são pessoas que estão sempre ao meu lado para me dar apoio.

Agradeço ao Isna Gabriel Sia, que é uma pessoa tão incrível que me motivou muito durante a nossa chegada no Brasil para não desistir desse sonho tão almejado e com ajuda dele consegui realizar esse feito.

Agradeço aos/às meus/minhas amigos/as, a saber: Laercio Calde, Fana Sanha, Nidia dos Anjos, Aldan Collá Ié, Seco Braima Seide, Moacir Soares Da Gama, Aila Antonio Gomes, Jorgito Cusna Francisco Tomas Cusna, Vladmir Renato Nanfandi, Eemo Monteiro, Danilson Ivandro Gonzalves da Veiga, Gilson Graciano dos Santos, Solange Cabral, Luís Fernandes Júnior, Agostinho da Silva, Nemésio Alves Sá, Ocanté Antônio Ié, Virgínio Vicente Mendes, Neemias Antônio Nanque, Leonel Vicente Mendes, Beto Infanda, Magnusson da costa, Rosa Assanato Baldé, Cadi Turé, Jeronimo Pereira, Vania Imbali Encanha, Vanita Baldé, Valdo Augusto Malú, André Juel da Silva Costa Júnior, Leticia Mattos, Élide Bernardo, Francine Alves, Débora Menezes, Namira Lopes, Chito Sequeira, Carlos Sene Indjai, Alassana Balde, Manuela Gomes pereira, Fernando Lopes Tomé, entre outros/as.

Agradeço aos/as professores/as da UNILAB, Campos dos Malês, pela confiança e pelo ensinamento e conhecimento que deram durante esses três anos de estudo. Meu muito obrigado a todos e a todas.

Agradeço incrivelmente ao meu orientador Prof. Dr. Marcio André Santos por aceitar me orientar e trabalhar arduamente comigo nesta empreitada da feitura do TCC. A agente enfrentou muitas dificuldades no decorrer este trabalho; desde o primeiro momento que o vi não poderia ficar sem o escolher a fim de o pedir para ser o meu orientador, pelo seu jeito de ser carinhoso, complacente com estudantes brasileiros e africanos e pelo seu carinho para comigo, além de ser meu orientador é um amigo irmão. Muito obrigado, GRATO!

RESUMO

O presente trabalho consiste na análise dos processos de mudanças nas manifestações carnavalescas da Guiné Bissau, entre 1980 e 2010, perante as transformações socioculturais em escala mundial. A metodologia usada consiste na feitura de uma pesquisa bibliográfica, avançando para análise descritiva e exploratória. Realizei pesquisa etnográfica e entrevista semiestruturada aplicada aos carnavalistas, aos organizadores e aos simpatizantes do Carnaval. Os resultados desta pesquisa revelam que devido à implementação das empresas de telecomunicações no país fez com que o governo deixasse a organização do Carnaval sob responsabilidade destas; isso, com efeito, resultou conseqüentemente na desvalorização do Carnaval guineense, porquanto estas em vez de promover a cultura guineense vendem as imagens das suas empresas. Além do mais, averiguam-se, inclusive, que a comercialização dos produtos chineses impede de certa forma a construção das máscaras carnavalescas, componente essencial da festa popular da Guiné Bissau. Por fim, este trabalho serve para revelar a importância da valorização do Carnaval, promovendo assim a nossa diversidade cultural com o intuito de disseminá-la para o mundo fora.

Palavras-chave: Cultura guineense. Festa do *N'turudu*. Manifestação carnavalesca. Mudança cultural.

ABSTRACT

The present work consists of the analysis of the processes of changes in the carnival manifestations of Guinea Bissau, between 1980 and 2010, before the sociocultural transformations in world scale. The methodology used is the preparation of a bibliographic research, advancing for descriptive and exploratory analysis. I carried out ethnographic research and semi-structured interviews applied to carnivalists, organizers and Carnival sympathizers. The results of this research reveal that due to the implementation of telecommunications companies in the country caused the government to leave the Carnival organization under their responsibility; This, in fact, has resulted in the devaluation of the Guinean Carnival, since these instead of promoting the Guinean culture sell the images of their companies. Moreover, the commercialization of Chinese products is somehow hindering the construction of carnival masks, an essential component of the popular festival of Guinea Bissau. Finally, this work serves to reveal the importance of the value of Carnival, thus promoting our cultural diversity with the aim of disseminating it to the outside world.

Keywords: Carnival manifestation. Cultural change. Feast of *N'turudu*. Guinean culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Os n'ghaies desfilando durante o Caranaval	17
Figura 2	Simbolizando os heróis nacionais	21
Figura 3	Desfile na ocasião do Carnaval	24
Figura 4	Menina representando a empresa de telecomunicação MTN	27
Figura 5	Menina representando a empresa MTN	33
Figura 6	Simbolizando regaste em relação à construção dos n'turudus	36
Figura 7	Desfilando com os n'turudus	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ORIGEM E APOGEU DO CARNAVAL DA GUINÉ-BISSAU	13
2.1	MANIFESTAÇÃO CARNAVALESCA EM GUINÉ-BISSAU DE “1980-2010”	16
2.2	DEMONSTRAÇÃO DOS TRAÇOS CULTURAIS, USOS E COSTUMES E CRENÇA DE CADA ETNIA	23
3	FATORES QUE CONTRIBUÍRAM NO DESAPARECIMENTO DAS MANIFESTAÇÕES CARNAVALESCAS	26
3.1	GLOBALIZAÇÃO	29
4	INTERVENÇÃO DO SETOR PRIVADO COM SUAS MARCAS NO CARNAVAL	32
4.1	FRACA ADERÊNCIA DOS JOVENS NA CONSTRUÇÃO DOS N´TURUDUS	34
4.2	RENASCIMENTO DE N´TURUDUS A PARTIR DE 2005 ATÉ PRESENTE	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso consiste em retratar os processos que envolvem a desvalorização do Carnaval na Guiné Bissau. Este Carnaval, ao longo dos anos, tem vindo a ganhar outro dinamismo e mutações ante as transformações socioculturais e económicas que estão acontecendo a nível mundial.

O Carnaval é uma manifestação que, possivelmente, surgiu no Egito, todavia com o decorrer tempo chegou à Guiné-Bissau com os colonizadores portugueses, e automaticamente teve grandes repercussões e impactos entre os guineenses. Na sua ocasião, as pessoas saíam na rua e na praça do império para a sua comemoração. Tal comemoração encanta e empolga as pessoas, por isso tanto os idosos quanto jovens e crianças iam para rua assistir aos desfiles. Durante os desfiles encontram grupos das diferentes regiões para disputar o Carnaval.

Entretanto, o Estado com o decorrer dos anos não tem cumprido as suas promessas no que concerne à premiação dos grupos que vencem o Carnaval, razão pela qual a maioria dos mais velhos deixou de participar e de assistir aos desfiles no ato do Carnaval.

Este trabalho busca analisar e compreender os fatores que consistem na desvalorização do Carnaval da Guiné-Bissau perante as transformações socioculturais e económicas em escala mundial, busca também analisar as dinâmicas e os impactos dessas mudanças na sociedade guineense e as suas repercussões e consequências.

Assim, a problemática desse trabalho é a seguinte: quais são os dispositivos que consistem na desvalorização do Carnaval guineense e o seu processo débil?

Este trabalho nasce a partir da percepção de que o Carnaval guineense está sendo muito influenciado tanto pelas empresas privadas que estão na Guiné-Bissau quanto pelas influências dos outros países, por conseguinte algumas práticas culturais manifestadas na ocasião do Carnaval estão sendo obsoletos e pouquíssimas estão permanecendo. Tais influências estão fazendo as inovações importantíssimas, por um lado, mas estão contribuindo para a desvalorização de alguns elementos culturais guineenses, por outro.

A metodologia utilizada nesta pesquisa consiste em uma pesquisa bibliográfica, documental e etnográfica. Para o efeito da técnica de coleta dos dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada, assim como pesquisas na internet. Os sujeitos da minha pesquisa são simpatizantes, dançarinos e organizadores do Carnaval. Com efeito, esta pesquisa foi feita tanto

no Brasil quanto na Guiné-Bissau.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos além da parte introdutória e considerações finais. O primeiro retrata sobre o surgimento do Carnaval e sobre as manifestações carnavalescas na Guiné-Bissau entre 1980 e 2010 onde o Carnaval é comemorado com grande entusiasmo e é considerado a maior manifestação cultural do país. O segundo discorre a propósito dos fatores que contribuíram para o desaparecimento das manifestações do Carnaval na Guiné-Bissau que tem a ver com o surgimento de duas empresas privadas de telecomunicações, nomeadamente: Orange e MTN. Estas concorrem para a feitura do mesmo após vencer o Carnaval, momento oportuno para fazer a publicidade dos seus produtos. E por fim, o terceiro debruça-se a respeito da intervenção do setor privado com suas marcas no carnaval, porquanto estas empresas privadas estão contribuindo na desvalorização do Carnaval guineense, visto que estas se preocupam exclusivamente na comercialização dos seus produtos, também a globalização tem contribuído bastante para o seu desaparecimento, porque a cultura ocidental está ancorada nas mentes das pessoas, razão pelo qual outras pessoas não manifestam o Carnaval.

2 ORIGEM E APOGEU DO CARNAVAL DA GUINÉ-BISSAU

Entende-se que o Carnaval surgiu no Egito antigo com o intuito de vangloriar tanto à deusa Ísis quanto a deus touro Ápis. Também, podia-se constatar que na Europa tinham existido três festas semelhantes que eram realizadas em primeiro lugar na Grécia e na Roma, ambas estão em consonância com os frutos do Carnaval moderno, nomeadamente: as bacanais que eram as festas realizadas para Dionísio (deus grego do vinho) opondo ao deus Apolo (deus da harmonia e da ordem). As luperciais, por sua vez, eram festas dedicadas ao deus grego Pã, que aconteciam em 15 de fevereiro de cada ano (SILVA, 2014).

Um representava a ordem, a regra e a harmonia, a outra entropia e a reprovação. Após o período das festas que tinham a mesma liberalidade das bacanais, o rei ou sacerdote de entropia era morto, e tornava a aparecer no ano posterior. As duas festas estavam ligadas ao período da colheita ou da sementeira, e os agricultores celebravam uma boa colheita. Uma das festas tão importantes da antiguidade eram as saturnais (na Roma antiga, festas em honra a Saturno), que aconteciam no mês de dezembro, os povos romanos separavam um tempo em que a igualdade entre todos predominava, falava-se que o regime da escravidão era abrandecido nas épocas de festa, e servos podiam brincar, assim como os donos. Naqueles dias todo mundo pode comer, beber e brincar ao máximo que pode (SILVA, 2014, p. 42-46).

Com o crescimento do Império Romano na Europa, na África e na Ásia, as festas se espalharam. Pois assim como festa pagã, daí que surgiu o Carnaval, que só adquiriu esse nome após da intervenção da igreja católica, fato que inaugurava a terceira fase, com o alastramento crescente da popularidade das festas, elas ficaram cada vez mais exageradas. Com expansão do cristianismo do Império Romano foram combatidas pela igreja católica e sendo chamadas de festins diabólicos. A partir do séc. XV, o papa João Paulo II incorporou a festa no calendário cristão, nos dias que antecedem o período de quaresma, com o nome do Carnaval, originado na expressão latina carnelevamen, que significa adeus a carne, numa alusão a terça feira gorda (SILVA, 2014). Subsequentemente,

Em Roma escolheu a Via-Láctea para adorná-la com tochas e grinaldas, e permitiu danças, corridas de anões e corcundas. O carnaval romano ainda que promovido pela Igreja, era violento. Não apenas as práticas mediáveis “buffonerie”, espécie de batalha de confetes, ovos, urina e farinha, mas também, jogos e disputas (SEBE, 1986 apud COLAÇO, 1988, p. 8).

Por outro lado, conforme alguns estudiosos a palavra carnaval em latim é *carnis levale* que significa retirar a carne; esse significado está relacionado ao jejum que acontece no período de quaresma.

A origem do Carnaval é incerta, portanto, há inúmeras versões a respeito; desta forma, vejamos, a seguir, os pressupostos em relação à sua origem:

A origem do carnaval é incerta, mas acredita-se que tenha surgido na Grécia por volta do ano 520 a.C. Era uma festa em que o vinho era fundamental e as pessoas se reuniam em nome do deus Dionísio com a única intenção de se divertirem, celebrar a chegada da primavera e a fertilidade. Esse tipo de comemoração se tornou popular em Roma durante os primeiros séculos da era cristã. O nome Carnaval vem de “*Carne Vale*”, seu significado está ligado ao fato dessa festa pagã acontecer durante os três dias que antecedem a quaresma, um longo período de privação, portanto era como uma despedida dos pecados da carne. Esse nome surgiu depois que a celebração foi legalizada pela Igreja Católica para coibir o que a instituição classificava como celebração pecaminosa. Ou seja, a celebração tinha como objetivo principal extravasar e fazer tudo que durante a quaresma era proibido. Em 1545, depois do concílio de Trento, mudou-se o calendário de Juliano para Gregoriano e o Carnaval passou a ser uma data oficial para os cristãos. Dessa forma, é reconhecida como festa popular de rua que sofreu uma série de modificações culturais até chegar aos dias de hoje (BARBOSA, [200-?]).

A igreja católica tenta enquadrar o Carnaval como uma festa de pagãos que surgiu na antiga Babilônia; contudo, surgiram duas festas na mesma que talvez tenha originado no que se denomina Carnaval nos dias atuais, conforme Pinto (2014). Subsequentemente no que tange a estas duas festas teremos:

As Saceias eram uma festa em que um prisioneiro assumia durante alguns dias a figura do rei, vestindo-se ele, alimentando-se da mesma forma e dormindo com suas esposas. Ao final, o prisioneiro era chicoteado e depois enforcado ou empalado. O outro rito era realizado pelo rei nos dias que antecederiam o equinócio da primavera, período de comemoração do ano novo na região. O ritual ocorria no templo de Marduk, um dos principais deuses mesopotâmicos, onde o rei perdia seus emblemas de poder e era surrado na frente da estátua de Marduk. Essa humilhação servia para demonstrar a submissão do rei à divindade. Em seguida, ele novamente assumia o trono (PINTO, 2014, p. 1).

A manifestação carnavalesca foi trazida na Guiné-Bissau por portugueses “juntamente com a expansão do catolicismo, os rituais conquistaram o espaço na sociedade guineense devido à conversão dos nativos ao catolicismo” segundo Nhaga (2011, p. 53).

Por meio desse panorama histórico do carnaval no mundo, a Guiné-Bissau com a sua diversidade cultural não deixou de celebrar essa festa do século passado. Um país pequeno,

porém, expressivo em diversidade étnica. Convém ressaltarmos que esses grupos étnicos se reúnem todos os anos em meados do mês de fevereiro no sector autónomo de Bissau, para celebrar a festa carnavalesca de grande animação e de felicidade com um público significativo.

Devido à sua importância e amplitude, o Carnaval costuma ser realizado não só na cidade de Bissau, mas também em todas as regiões do país, nestas regiões o Carnaval é pouco manifestado em comparação com a cidade de Bissau. Em Bissau sempre acontece o desfile nacional onde se reúne diferentes regiões em competição no intuito de cada região mostrar o seu desempenho e sua habilidade. O Carnaval guineense é completamente diferente do carnaval europeu. Em meados do período da independência, o Carnaval era europeizado, na altura a sociedade guineense era dominada pelos colonizadores; nos dias atuais, há muita variedade de palcos com muito disparo na manifestação de povo local, como nos bairros e nas ruas do capital (NHAGA, 2011, p. 53). Dessa acepção, convém que ressaltemos que:

O carnaval, como uma festa popular e de harmonia entre os povos da Guiné-Bissau, suprimiu as fronteiras culturais todos se imitam e todos aproveitam a ocasião para experimentar trajes tradicionais de todos as etnias, para as crianças é uma ocasião única para mergulharem num mundo de sonho com vestidos e danças típicas de culturas por eles desconhecidos. Foi terrível verificar uma sociedade como a da Guiné-Bissau rica em cultura, mas cujos valores culturais não se transmite as crianças em casa (NHAGA, 2011 p. 54).

Atualmente, o Carnaval na Guiné-Bissau é uma festa nacional, no momento dessa ocasião decreta-se o feriado mais prolongado do calendário oficial do país. As pessoas de diferentes lugares, ou seja, de outros países têm por costume vir à Guiné-Bissau para participar no Carnaval, neste pequeno país do continente africano rico em diversidade cultural.

Neste território, a cultura popular é manifestada de uma forma intensiva pelo povo, porque os elementos culturais de diferentes povos que constituem o nosso mosaico étnico e impressionam muito as pessoas tanto nacionais quanto as de fora, pois são riquíssimas, e o Carnaval guineense por seu turno está associado a essa cultura.

Por outro lado, esta representação está presente no imaginário social guineense, e o carnaval seria grande festa que efetivamente reúne diferentes povos que fazem parte deste mosaico étnico desse país, nomeadamente: Balanta, Manjaco, Pepel, Bijagó, Fula, Mandinga, dentre demais povos que constituem este país; estes celebram o carnaval lado a lado, em pé de igualdade, demonstrando a sua identidade cultural como forma de difundir-la no mundo fora.

2.1 MANIFESTAÇÃO CARNAVALESCA EM GUINÉ-BISSAU DE “1980-2010”

A Guiné-Bissau é conhecida como um país com muita diversidade cultural, com mais de 30 línguas étnicas, cada um desses grupos étnicos possui características culturais diferentes como, por exemplo: forma de vestir, gastronomia, dança e música.

Porém, a Guiné-Bissau é um dos países do continente africano com mais diversidade cultural. Uma dessas diversidades é o carnaval que é considerado a maior manifestação cultural do país. Nesta senda, verifica-se que na ocasião do Carnaval há diversas manifestações de distintas regiões, a saber: norte, sul e leste. Contudo, a região sul que contém mais diversidades.

Essa grande festividade popular urbana faz circular em torno de si um imaginário ligado a símbolos e da nossa cultura, renovando o interesse das gerações em manter uma tradição que está cristalizada no inconsciente coletivo e, ao mesmo tempo, em constante mudança e evolução. São muitas as camadas dessa construção que, aos olhos do mundo moderno tem uma aparência sólida, fortalecendo as imagens de povo e nação, para dentro e para fora (BARROS, 2013).

O Carnaval é uma tradição cultural muito comum nos países lusófonos, como é conhecido em todo mundo o famoso carnaval do Brasil, quando se fala de manifestação carnavalesca a pessoa logo pensa no Brasil. Não somente, mas também nos países africanos que falam a língua oficial portuguesa, dentre esses países, a Guiné-Bissau é um dos melhores no que concerne à manifestação carnavalesca, que dura quatro dias consecutivos.

Figura 1- Os *n'ghaies* desfilando durante o Caranaval



Fonte: Reuters (2016a).

Entretanto, antes disso, existe carnaval regional que começa sempre uma semana antes do dia oficial do carnaval com o intuito de selecionar algumas regiões que, com efeito, participarão no desfile nacional. No sector autónomo de Bissau, quando as pessoas passam em um determinado bairro, no período do Carnaval, tendo em vista os preparativos que se fazem; nestes termos, as pessoas deduzem que o bairro tal iria vencer a competição.

Ressalta-se que o Chão de Papel era um dos melhores grupos na disputa do Carnaval na década de 1980 e ganhou o mesmo entre 1981 e 1984, depois disso ficou um bom tempo sem participar no desfile nacional, porquanto os organizadores do Carnaval, em 1984 tinham prometido outorgar um prêmio para o vencedor do Carnaval. O Chão do Papel venceu o Carnaval nesse ano, embora os organizadores não tenham cumprido com o prometido, porquanto o deram um valor baixíssimo do acordado como sendo vencedor, razão pela qual o grupo ficou desapontado e achou por bem afastar-se de participar nas disputas da manifestação carnavalesca durante muito tempo.

O projeto do bairro na época era de ter uma associação de caráter social para que possa haver verbas de construir à escola de formação dentro de próprio bairro e criar empregos para as mulheres, homens e a juventude (RODRIGUES, 2013).

Com isso todos os grupos étnicos do país também têm a sua própria forma de se preparar

para a manifestação carnavalesca, eles têm por costume construir os próprios vestuários, para o efeito de desfile; nesse desfile, fazem apresentação do nosso mosaico étnico, a saber: danças, gastronomia, música e desfile de rainha e de *N'turudus*.

Também existe desfile infantil que efetivamente começa sempre na véspera do carnaval. Este desfile é organizado pelo governo com participação de escolas do país para escolher melhor escola que faz a melhor apresentação tanto a de dança rainha *N'turudus* como a de poesia.

A Guiné-Bissau é conhecida e reconhecida além-fronteiras como um mosaico cultural caracterizado, sobretudo pela expressividade étnica e saberes seculares associados, que orientam práticas peculiares de cada grupo, mas que se convergem numa única imagem identitária nacional.

Naturalmente, a partir de duas grandes manifestações culturais homogêneas que se aglutina o caráter heterogêneo da sociedade guineense, nomeadamente: o crioulo e o carnaval. Dessa acepção, reservo-me à oportunidade de apenas debruçar-me exclusivamente sobre o carnaval.

Estas manifestações nos representam nos tempos que já lá vão, diferentemente da partilha e do diálogo intercultural de harmonia da bela cultura guineense. Uma festa de muita aglomeração folclórica e de um povo que abraça e faz com que haja inúmeras pessoas nas ruas com vestuários tradicionais. As pessoas dançam nos ritmos de tina, tambor, palmas *sikó*, *bombolom*, *balafon*, *corá*, *djidius*, e pintam pitos nas avenidas.

É um momento único de levantar a bandeira e identidade da *guinendadi* que procura a evidência daquilo que representa o patrimônio da vida guineense da nossa forma e modo coletivo de ser e de uma forma de estar.

De antemão, aproximadamente entre os anos 80 e 90, os jovens durante o preparativo do evento do Carnaval ansiosamente andam de um lado para outro a procura das obras de construção civil para tentar achar a embalagem de saco de cimento, que é um material muito importante na construção de *N'turudus*, também vão ao mar mais perto da casa para procurar as lamas, que é usada com criatividade artística na feitura dos *N'turudus* que é mais conhecido por máscara.

Enquanto que os rapazes se dedicavam à produção de *N'turudus*, as raparigas concentravam-se na produção de decoração corporal, tais como: saia de bijagós, *sindjaduras*, contas, panos de pinte, bandas, lenços, potes, *cascabelo* vassoura e outro mais. Essas coisas que usam fornecem vigor a vida cultural onde participam pessoas de todas as faixas etárias, também

com participação de *prentchentches* (crianças), mais velhos, jovens, homens e mulheres, cada um com encargo e responsabilidade cultural de dar o seu quinhão. Aliás, dar um pouco de conhecimento na organização e na sua criatividade em relação à atividade carnavalesca.

Antigamente, o Carnaval tinha tantos brilhos, que hoje em dia a sua manifestação causa profunda tristeza em muitos guineenses que tiveram honra de viver os momentos de glória de um dos melhores eventos culturais da Guiné-Bissau.

Conforme Semedo (2012, ano, p?):

É verdade que a sociedade não é estática e está sujeita a alterações estruturais e, por conseguinte, as mudanças, desde que não sejam agressivas ao tecido social, devem ser aceites e entendidas como um processo normal. Mas isso, não é o caso do carnaval guineense, por isso, as observações que iremos fazer não visam refutar a peculiaridade social da mudança, mas tão somente, abordar ações que põem em risco uma progressão positiva de valores que nos são.

Com efeito, o Carnaval da Guiné-Bissau era completamente tradicional, mas ao longo dos anos tem sofrido grandes influências na maneira de festejo, do uso dos trajes e dos objetos utilizados. No ano de 1980 os povos usavam trajes completamente tradicionais e misturavam-se nas ruas para ir ao desfile nacional.

Era óbvio que na década de 80 e 90 do século passado, conforme a narrativa dos mais velhos, o carnaval era muito disputado entres as regiões como também entres bairros da capital, era uma rivalidade muito forte para conquistar prêmio do primeiro lugar. O Estado, por seu turno, não só financiava as regiões, mas também os bairros nas criatividadees para apresentação carnavalesca.

Nos dias atuais, o Carnaval deixou de ser uma competição cultural entre os bairros e entre as regiões em detrimento da competição étnica, porque havia durante muito tempo a disputa entre os bairros, agora embora não esteja acontecendo; com efeito, esse fato está gerando conflitos. Mas, é bom que haja a diversidade étnica para que o Carnaval tenha mais impacto e impressionante para os espectadores. Neste sentido, algumas pessoas não estão sugerindo para que a pontuação maior do Carnaval seja concedida ao grupo que possui mais diversidade étnica. Deve-se também ampliar espaços de Carnaval para as outras regiões, pois isso não está acontecendo.

Além do mais, nas últimas duas décadas registrou-se um período de modificação e da perda de identidade do carnaval guineense, mas, acima de tudo, de uma forma comercializada,

por exemplo: com o foco no marketing empresarial, principalmente na empresa de telecomunicação móvel, tanto Orange quanto MTN.

A Avenida Combatente da Liberdade da Pátria ultimamente parecia uma autêntica passarela de modo que me fazia refletir que o Carnaval virou como “Bissau Fashion” para ver as pessoas que andava na avenida maioria usava trajes que não era digno para manifestação carnavalesca. Nestes termos, Semedo (2012) afirmou:

De antemão, no ano 1990 até 1999, aproximadamente, o desfile era na praça de Heróis Nacionais, o Carnaval era muito manifestado com grande vivacidade e valorizado, visto que era e é tradição de pessoas caminharem até mão de *Timba* (Praça dos Heróis Nacional), com trajes tradições e os rapazes, por seu turno, usavam máscaras e as meninas com saias bijagós e pote posto na cabeça. Aliás, não importava as roupas que os carnavalescos iriam usar e estes usavam: óleo de dendê, no corpo, untavam lama e tintas, entre demais coisas.

Também, a construção de *N'turudus* na época de 1990, era uma coisa obrigatória; e os rapazes, por seu turno, dedicavam com amor e carinho para construir e possuir um *N'turudu*; quer queira ou não, certamente dava-se mais valor para o carnaval guineense. Os filhos das pessoas de classes médias e superiores costumavam comprar *N'turudus* nas mãos das pessoas que tinham faziam os mesmos, mas eles pagavam um valor tão caríssimo.

Figura 2 - Simbolizando os heróis nacionais



Fonte: Edson Incopté (2015).

Enquanto as pessoas das ilhas (Bolama e Bubaque) e as meninas dessas ilhas têm mais domínio nas construções de pote, saias bijagós e contas, que são dos instrumentos mais utilizados nas ruas de Bissau pelas meninas. Quando está aproximando a data do Carnaval que às vezes varia de fevereiro a março, dificilmente na rua de Bissau durante manifestação carnavalesca andando pelas ruas não encontrar as meninas de fase de cinco (5) anos a dezoito (18) anos com saias bijagós nas nádegas e contas no pescoço também na cintura e pote na cabeça. É importante sublinhar que era Carnaval de muita alegria e brilho.

O Carnaval guineense chamava muitas atenções dos povos de fora, sobretudo turistas quando está aproximando a data da sua realização, a cidade de Bissau ficava cheio de estrangeiros que vinham participar e, no decorrer no ato faziam filmagens e fotografias também festejam juntamente com povo guineense, aprovam gastronomia do país.

De acordo com os entrevistados, o Carnaval entre o período de 1980-1990 era um Carnaval tradicional em que o povo imitava as culturas estrangeiras. Nessa época dávamos mais valor a nossa cultura. Vale enfatizar que, existe um provérbio guineense que diz: *NÓ NA KUMÉ*

*KI KU NO TENE*¹. Na época existia vários festivais de cultura nas regiões, como no Sector Autônomo de Bissau, por exemplo: festival de *cambadju* que é um festival completamente tradicional que reúne povos de diferentes partes do país em que cada grupo cultural mostra o seu próprio valor de *GUINENDADI*.

Depois da instabilidade política que culminou na guerra civil de 1998-1999, que é um golpe de Estado que afastou o presidente da República, João Bernardo (Nino Viera). Essa guerra fez com que o país tivesse danos desastrosos, fazendo com que o país perdesse o controle governamental e originou entradas de Empresas privadas com falsas propostas como no caso de Orange e de MTN e entrada de alguns comerciantes chineses.

Os valores simbólicos das nossas manifestações culturais, entre os quais, os do carnaval, devem ser vistos e concebidos com orgulho e patriotismo. Pois, é a partir deles que somos vistos e a nossa existência reconhecida pelo outro como diferente. Nossas manifestações culturais são parte constituinte de cada um de nós e de todos, porém não podemos deixá-las desaparecer. Nesse sentido, apelo um envolvimento responsável dos homens da cultura, dos cidadãos e de parceiros culturais na preservação e valorização do nosso património (SEMEDO, 2012).

Muitas coisas mudaram no carnaval guineense ao longo dos últimos anos como, por exemplo, hoje em dia os meninos, ou seja, as novas gerações da cidade de Bissau não vestem mais trajes típicos das diferentes etnias que constituem o povo guineense, particularmente o uso dos *n'turudus* (máscaras carnavalescas).

Portanto, percebe-se que os trajes usados nas manifestações carnavalescas estão sofrendo as mutações no decorrer do tempo, porque a maioria dos jovens da cidade de Bissau está incorporando as manifestações de fora para enriquecê-lo mais em que usa alguns trajes culturais de outros países, sobretudo do Brasil. Mesmo assim, estas manifestações têm-se adaptado aos novos tempos.

¹ Literalmente significa: não comemos o que possuímos.

2.2 DEMONSTRAÇÃO DOS TRAÇOS CULTURAIS, USOS E COSTUMES E CRENÇA DE CADA ETNIA

A Guiné-Bissau apresenta uma riqueza cultural bastante rica e abrangente, tendo mais de trinta grupos étnicos. E cada etnia tem sua própria cultura, em diferentes aspectos, exemplificando: língua, dança, expressão artística, música, entre demais. O que é mais marcante entre as etnias é a dança e a música, dois componentes muito importantes nas sociedades guineenses.

No dia a dia, as manifestações culturais podem ser vistas no momento das colheitas, dos casamentos tradicionais, do fanado e dos funerais. Mas, a diversidade funde-se na cultura crioula, que une as pessoas de diferentes etnias.

A música mais tocada no país é o *Gumbé*. O carnaval tem grande valor cultural e é festejado de uma forma própria, para além dos Entrudos (máscaras), os guineenses fazem sobressair, sobretudo os trajes tradicionais das diferentes etnias. Por isso, o Carnaval da Guiné-Bissau é pleno de valores culturais, porque as próprias etnias representam a cultura local. A propósito, vale sublinhar que,

Nesta perspectiva, o festival assume o desfile de vários grupos étnicos, num festival de maiores tradições, onde as máscaras ganham grande importância, de modo que, quase todos satisfazem a simbologia étnica de cada grupo. Um momento de grande euforia nacional, onde a sociedade esquece de torcer pela etnia, o que reina no momento é a identidade nacional por meio das diversidades étnicas e cultural, cada grupo apresenta uma rainha, máscaras e danças (NHAGA, 2011, p. 54).

Na época do Carnaval, muitos turistas vêm a Guiné-Bissau para assistir o Carnaval. Os espectadores de fora ficam encantados com o Carnaval.

Tal fato torna-se como função fundamental para os educadores, e por meio dos planeamentos por parte do governo, como instrumento de criar uma identidade nacional. Para um centro de formação para crianças do modo de ensinar diversas danças tradicionais, gastronomia, música e falar também línguas étnicas.

Alguns traços culturais estão a desaparecer, porque a juventude não está mostrando o interesse e não está a praticar alguns traços culturais nas manifestações carnavalescas. Só com a demonstração do interesse e praticando as nossas culturas é que esses traços culturais nas manifestações carnavalescas podem se manter vivas.

Por outro lado, é importante ressaltar que os fatores que contribuíram para isso são o desinteresse das pessoas; mediante isso, quase inexiste traços culturais nas manifestações carnavalescas, com exceção no interior do país.

Os grupos participantes no desfile nacional exibem as danças completamente tradicionais que constituem o nosso mosaico cultural, principalmente nos bailes de distintos grupos.

Figura 3 - Desfile na ocasião do Carnaval



Fonte: Djob (2015).

De modo geral, a maioria dos grupos que desfilam durante o evento do Carnaval sempre há pouquíssima diferença em termos de trajes, visto que há mistura em cada grupo da nossa diversidade cultural, sobretudo grupos constituídos em Bissau que normalmente possuem mais a multiplicidade de diversos povos da Guiné-Bissau; por isso, têm mais vantagens no decorrer da apresentação carnavalesca em vencer o Carnaval. Sublinha-se que nos dias atuais na Guiné-Bissau para ver as grandes apresentações dos grupos étnicos é só no carnaval e no festival de Cacheu, dois eventos culturais que a gente tem acesso de assistir grandes atrações culturais do país.

Isso certamente se deve ao fato de algumas pessoas que nasceram em Bissau que

alienaram a cultura eurocêntrica e elas, por sua vez, desvalorizam a sua cultura considerando-a inferior tendo em vista a visão negativa que se têm sobre ela.

Em alguns tempos atrás, o festival de MANDJUANDADI acontecia nas diferentes regiões e como também nos diferentes bairros de Bissau, que era tão cultural em que cada povo representava traços culturais na forma de GUINENDADI. Os vencedores costumavam apresentar na TGB (Televisão da Guiné-Bissau) onde as pessoas tinham a oportunidade de assistir a nossa cultura, bem como de outros países. Agora, esses eventos acontecem de uma forma infrequente devido ao nosso Estado que deixou de apoiar e financiar esses eventos culturais a fim de que possam motivar a juventude em continuar com os projetos de salvaguardar a nossa identidade.

Nesses últimos dez anos, o grupo teatral Netos de Bandim, que domina a cultura guineense, tanto dentro do país como no exterior; qualquer apresentação cultural no estrangeiro esse grupo que representa o país (Guiné-Bissau). Também é conhecido como melhor grupo cultural do país.

Esse grupo é bem estruturado com um centro de formação independente do Estado, mas consegue levar e representar o país. Vale ressaltar que o grupo Netos de Bandim em 2011 pela primeira vez representou a Guiné-Bissau no Brasil através da embaixada do Brasil na Guiné-Bissau.

3 FATORES QUE CONTRIBUÍRAM NO DESAPARECIMENTO DAS MANIFESTAÇÕES CARNAVALESCAS

Na Guiné-Bissau, o Carnaval começou a ganhar realmente força com o surgimento de banda musical dos grupos de *Mandjuandadi*, entre a década 80 e 90. No início de 2000 a 2010 com o surgimento de algumas empresas privadas de telecomunicações, sobretudo Orange e MTN tem havido, e há, a mercantilização do Carnaval em que estas empresas começaram a concorrer para organização do Carnaval. Quando uma empresa vence o concurso realiza o Carnaval e aproveita para fazer a publicidade dos seus produtos, particularmente das suas telecomunicações. Sublinha-se que patrocinam um montante de dinheiro para a realização do mesmo. O Estado, por sua vez, beneficia-se de comunicações grátis com uma tarifa menor. Em função disso, o Estado reduz-lhe a taxa de impostos.

Estas duas empresas começaram a patrocinar a maior festa cultural (o Carnaval) a partir da sua entrada no Ministério de Juventude Cultura e Desporto (MJCD) (CARNAVAL); nestes termos, o Carnaval começou a tornar-se mais comercial e vira um negócio lucrativo e rentável em benefícios destas empresas.

Figura 4 - Menina representando a empresa de telecomunicação MTN



Fonte: GBissau.com (CARNAVAL58, 2015).

O Carnaval de rua como no desfile cedeu espaço para plataformas (trios elétricos) as fantasias foram padronizadas através de camisolas das próprias empresas em vez de trajes tradicionais, *Gumbé* e Tina que foram substituídos pelas músicas internacionais.

Pode-se dizer que a globalização é um dos fatores fundamentais no desaparecimento de alguns traços culturais guineenses, sobretudo do Carnaval sendo que os jovens em geral passam a valorizar mais os trajes externos do que internos. Tal fato faz com que os jovens imitem a maneira de se vestir dos Ocidentais.

Outrossim, a construção das barracas no bairro de Ajuda tem contribuído para o crescimento da economia do país, mas, por outro lado faz com que o Carnaval não tenha mais impacto como de antemão, pois as pessoas ficam mais concentradas nestas barracas consumindo

em vez de assistir o Carnaval.

O carnaval da Guiné-Bissau agora deixou de ter a essência, em parte, porque os guineenses estão sendo muito influenciado pela cultura europeia, motivo pelo qual na ocasião do carnaval a maioria não usa mais os trajes culturais étnicos. Contudo, vestem como se estivessem indo para uma festa de gala.

É muito visível o que deve ser feito para dinamizar e fortificar a valorização da cultura, para isso deve-se investir financeiramente nos desfiles, ou seja, apoiar os grupos participantes em meios financeiros para que possam melhor preparar os desfiles de uma forma tradicional.

O que mais contribui para o desaparecimento nas manifestações carnavalescas é a redução de números de *N'turudus* (máscaras) que passam a ser vistas só nos desfiles e não na rua como antes. Os vestuários mudaram muito, pois dantes vestia-se de forma cultural ou excêntrica (de palhaço, de muitas cores, rosto pintado, cabelo prendido com molas, homens vestidos de mulher), porque afinal tudo era Carnaval, mas agora as pessoas se vestem como se estivessem indo para algum lugar formal. Além do mais, há alguns jovens que abusam da extravagância como uma forma de liberdade. E as barracas passam a ser mais requisitados do que um passeio na rua para celebrar o carnaval.

Além disso, os fatores que contribuíram para o desinteresse das pessoas em disputá-lo têm a ver com a falta de apoio financeiro e falta de incentivo. No seu ato está tendo mais espaços para barracas, razão pela qual nestas barracas devem haver pratos típicos guineenses.

O seu processo débil está atrelado no processo na sua organização devido à falta de vigilância nas barracas construídas, acusações de diabolização por segmentos religiosos, supervalorização da cultura europeia em detrimento da nossa, disparidade na classificação e na atribuição dos prêmios, ordenamento fraco para a instalação das barracas.

Outro exemplo seria a própria forma de comemorar o Carnaval, o que outrora era uma espécie de procissão com todos na rua, nas estradas caminhando, dançando e festejando, agora se restringiu a locais mais fechados (barracas de venda) onde as pessoas sentam e consomem bebidas e comidas. Na verdade, a única tradição que se manteve até hoje é a do “Desfile de Carnaval” na qual são representadas diversas etnias guineenses.

3.1 GLOBALIZAÇÃO

Um dos fatores primordiais para o desaparecimento do Carnaval guineense é a globalização, também a falta de conhecimento de jovens (incluindo eu, admito) sobre as manifestações culturais profundas no que diz respeito à nossa diversidade cultural.

Essa questão é muito difícil de modo que a cultura ocidental está muito enraizada na nossa sociedade até no ponto de muitas “pessoas” têm abandonado as suas práticas culturais, sua religião, e conseqüentemente, não participam nas atividades culturais muito menos no desfile cultural, porque é ensinado que a sua cultura é inferior e diabólica, motivo pelo qual não manifestam o Carnaval, assim ancoram essas ideias eurocêtricas dando valor a cultura Ocidental. Essas construções ideológicas deram-se início desde o processo da colonização que culminou até a data presente. O rastro da herança colonial até então se vigora em todos os aspetos na sociedade guineense, com isso é difícil fortificar e valorizar a cultura; para que isso aconteça, é necessário desmistificar essas construções preconceituosas e estereotipadas valorizando as nossas identidades.

Para a maior parte da humanidade, o processo de globalização acaba tendo, direta ou indiretamente, influência sobre todos os aspectos da existência: a vida econômica, a vida cultural, as relações interpessoais e a própria subjetividade. Ele não se verifica de modo homogêneo, tanto em extensão quanto em profundidade, e o próprio fato de que seja criador de escassez é um dos motivos da impossibilidade da homogeneização. Os indivíduos não são igualmente atingidos por esse fenômeno, cuja difusão encontra obstáculos na diversidade das pessoas e na diversidade dos lugares. Na realidade, a globalização a heterogeneidade, dando-lhe mesmo um caráter ainda mais estrutural. (SANTOS, p. 69).

Constatamos que tendo em vista a globalização, por exemplo: chineses chegaram à Guiné-Bissau comercializando os seus produtos para modernizar o país. Nos dias atuais, os produtos chineses dominaram o mercado guineense, sempre no carnaval as pessoas usam mais os produtos chineses. Tal fato contribui em desaparecimento da nossa própria cultura, tornando obsoleto os nossos elementos culturais.

Há uma rivalidade enorme entre cultura popular e cultura de massa; a cultura de massa tenta sobrepor à cultura popular. A cultura de massa não se abaliza a uma zona e ela já está ligada a globalização, já que consegue ligar os elementos de várias sociedades. Elas também se diferenciam pelo fato de que a cultura popular é feita para a massa, enquanto que a própria massa

que está ligada mais a capitalismo.

Uma das consequências de tal evolução é a nova significação da cultura popular, tornada capaz de rivalizar com a cultura de massas. Outra é a produção das condições necessárias à reemergência das próprias massas, apontando para o surgimento de um novo período histórico, a que chamamos de período demográfico ou popular (SANTOS, 1979, p. ?).

Dessa acepção, pode-se afirmar que o Carnaval de Salvador é um Carnaval que se concebeu como um movimento popular; nesta senda, podemos observar que existem duas culturas distintas, a saber: cultura de massa e cultura popular. Consequentemente, há um grupo de pessoas que saem nas ruas para se divertir e isso se transformou em uma grande manufatura onde astros da música baiana tocam em cima de trios elétricos, separados do povo apadrinhado por aqueles que pagam altos valores para curtir a festa.

Um exemplo é a cultura. Um esquema grosseiro, a partir de uma classificação arbitrária, mostraria, em toda a parte, a presença e a influência de uma cultura de massas buscando homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular; mas também, e paralelamente, as reações desta cultura popular. Um primeiro movimento é resultado do empenho vertical unificador, homogeneizador, conduzido por um mercado cego, indiferente às heranças e às realidades atuais dos lugares e das sociedades. Sem dúvida, o mercado vai impondo, com maior ou menor força, aqui e ali, elementos mais ou menos maciços da cultura de massa, indispensável, como ela é, ao reino do mercado, e a expansão paralela das formas de globalização econômica, financeira, técnica e cultural. Essa conquista, mais ou menos eficaz segundo os lugares e as sociedades, jamais é completa, pois encontra a resistência da cultura preexistente. Constituem-se, assim, formas mistas sincréticas, dentre as quais, oferecida como espetáculo, uma cultura popular domesticada associando um fundo genuíno a formas exóticas que incluem novas técnicas (SANTOS, 2000, p. 70).

É no carnaval em que acontece uma atividade da entidade popular, ele é arrastado para a cultura de massa que se apropria de seus festejos, ritos e costumes. Todavia, é bom lembrar que esse fenômeno é bidirecional; aliás, a cultura popular também se apropria da cultura de massa.

As tradições e costumes na verdade sofrem naturalmente modificações, culturais têm por aspecto básico a mudança ao longo do tempo; ainda assim o contato com os turistas, bem como a crescente publicação das tecnologias de comunicação tal qual da globalização têm apressado este processo (DELGADO, 2012, p. 40).

O processo da globalização é inteligente, prático e, ao mesmo tempo, cruel, porque segrega e determina as partes. Em seu meio de criação ela cria duas opções, tais como: dois ambientes, duas posições e dois vieses. Fazendo esta relação com as manifestações carnavalescas,

é estranho analisar a vivência de dois carnavais, hoje em dia na Guiné-Bissau. O carnaval dos desfiles nacionais e o carnaval das barracas de bebidas. Neste momento cabe equilibrar os dois carnavais que são comercializados.

Eu lembrei uma vez em 2008, eu vestia o carnaval, de cultura *Balanta* que a gente chama de NGHAIIE e saí na rua, mas no momento fiquei longe da minha casa e durante a caminhada, reparei que poucas pessoas vestiam o carnaval, e todo mundo que passava me olhava como se fosse uma pessoa louca, fiquei um pouco vergenhado, e desmotivado, ao mesmo tempo. Eu sou um cara que gosta de brincar Carnaval, e daí ganhei coragem e fui até mão de *Timba* e um turista me olhou e me chamou logo e aconcheguei-me a ele e estava falando Espanhol, e ele, por seu turno, disse-me que ficou eufórico com os meus trajes. Além do mais, continuou dizendo que “eu fiquei mais de que 4h de tempo não consegui registrar ou tirar nenhuma foto do Carnaval como nos anos anterior, daí eu comecei a observar carnaval na Guiné-Bissau.”

4 INTERVENÇÃO DO SETOR PRIVADO COM SUAS MARCAS NO CARNAVAL

Com efeito, as empresas privadas estão contribuindo bastante na desvalorização do Carnaval guineense, porquanto estas empresas preocupam-se na comercialização dos seus produtos, para isso fazem marketing em benefício da sua empresa. Por consequente, concorrem para a realização do Carnaval no intuito de vender as imagens dos seus produtos e o Estado nem se quer faz questão de promover e realizar Carnaval para que seja tipicamente tradicional, contudo deixam simplesmente para que estas empresas o realizem em seu proveito.

Creio que essas empresas privadas embora tenham ajudado na realização dos desfiles, no patrocínio de eventos, shows, entre os eventos. Então, eles têm uma posição ambígua, atuando de uma forma negativa em alguns aspectos e, ao mesmo tempo, tem contribuído de forma positiva em outros, e denominam o Carnaval de Fagoral, em que eles põem exclusivamente músicas estrangeiras. A música nacional não toca nas ruas isso acaba por desvalorizar a cultura guineense. O cúmplice nessa história é o Estado guineense, porque antes de existência dessas empresas privadas o Ministério da Cultura organizava o Carnaval de uma forma multicultural que era tão disputado pelos participantes do desfile nacional e nas ruas de Bissau havia pessoas vestidas tradicionalmente.

Figura 5 - Menina representando a empresa MTN



Fonte: Agência de Notícias da Guiné (CHÃO..., 2015).

É de enfatizar que nos últimos anos, a empresa privada de telecomunicação (Orange) que mais ganha o concurso de patrocinador oficialmente o carnaval da Guiné-Bissau. É evidente que as empresas fazem de tudo em prol dos seus fins. Diante disso, convidam grandes artistas de renome tanto nacional quanto internacional para tocar no carnaval e as pessoas sempre ficam eufóricas e com expectativas de conhecer esses famosos. Mediante isso, durante o evento do Carnaval, os espectadores logicamente vão atrás dessas artistas, assistindo shows deles em vez de assistir desfile, situação na qual desvaloriza do modo significativo o Carnaval. E o Estado guineense tem um papel crucial na desvalorização do mesmo.

Durante a minha pesquisa na Guiné-Bissau (04-02-2017) constatei que o país está ficando pior no que diz respeito à cultura, por um pouco para que não houvesse desfile nacional, pois correu um grande risco de ser adiado, porque Estado guineense fez um orçamento para empresa Orange que era patrocinador do Carnaval 2017 de 30 milhões fcfa e a empresa, por seu turno, rejeitou o orçamento feito pelo Estado, e o Ministério da Cultura guineense também falou que não tinha dinheiro, porque não há fundo suficiente no próprio Ministério. Isso ficou aberto até ao penúltimo dia para o Estado guineense denunciar nos órgãos de comunicação que haverá desfile nacional; então, as pessoas que não sabiam da notícia passada pensavam que não haverá desfile.

Também, até eu ouvi essa notícia que não vai ter desfile nacional, não obstante, procurei saber através de um amigo que trabalha no Ministério da Cultura, cujo nome: Atchos Express, logo ele me informou que vai ter e, em seguida, deu-me as coordenadas.

4.1 FRACA ADERÊNCIA DOS JOVENS NA CONSTRUÇÃO DOS N'TURUDUS

As fantasias encontradas no Carnaval guineense são algumas de suas representações e interpretações, como no caso de mascaradas (*N'turudus*) sempre tem algum significado, que representam: paz, situação política, violência juvenil e policial, corrupção, heróis nacionais, violência contra mulheres, biodiversidade, etc.

A Guiné-Bissau é um lugar de tantas variedades e a criatividade na confecção das fantasias que pode ser vista em cada diferente povo que constitui o nosso país. Por isso que a construção de *N'turudus* é muito importante no Carnaval que hoje em dia está desaparecendo tendo em vista desinteresse das pessoas na construção do mesmo, por um lado, e, por outro, deve-se à falta de compromisso e responsabilidade do governo em apoiar e incentivar os jovens na construção das máscaras. É óbvio que há muitos jovens talentosos, embora tenham abandonado a feitura das mascaradas por falta de incentivo, como referido anteriormente.

As questões mais questionadas ao longo dos anos têm sido as mudanças básicas que na verdade fazem muita diferença, porque em tempos mais recuados quando havia a cultura dos *N'turudus* as pessoas saíam na rua em massa mascaradas e faziam apresentações excepcionais em que havia inúmeras brincadeiras. No entanto, em tempos recentes, tal fato não está ocorrendo talvez seja pelo fato de algumas formas culturais de manifestações carnavalescas de fora estão se influenciando fortemente nas manifestações carnavalescas da Guiné-Bissau, particularmente o carnaval brasileiro.

As pessoas hoje em dia em vez de usarem os "*N'turudus*", preferem usar as máscaras usadas no carnaval brasileiro. Por outro lado, as meninas em vez de usarem saia *bijágos* que é a saia usada, sobretudo pelas meninas da etnia bijagós, usam calções curtos ou shortinhos. Desse modo, as formas culturais de manifestações carnavalescas guineense com o tempo correm o risco de se extinguir.

4.2 RENASCIMENTO DE N'TURUDUS A PARTIR DE 2005 ATÉ PRESENTE

Diante de perda de valor cultural, o Carnaval tem sido resgatado no que diz respeito ao *N'turudus* em 2005, valorizando-o como um valor do mesmo, quebrando temporariamente as hierarquias sociais que fazem o carnaval guineense, isto é, um agregado tradicionalista e contemporâneo. Também, resgatam-se valores culturais armazenados por décadas requer mais esforços a fazer para que se possa manter mais viva. Tendo em conta ao resgate que tem sido feito nota-se desenhos, imagens e figuras vindas, principalmente da cultura de massa.

Os *N'turudus* são figuras fantasmagóricas caracterizadas pelas vestes extravagantes, “danças e andar alegóricos”. Os *n'turudos* foram à atração do carnaval guineense, porém têm havido a desaparecer às manifestações carnavalescas (FONSECA, 2016). Do modo habitual, um jovem sente motivado de mascarar e sair nas ruas de Bissau manifestar a festa do Carnaval.

Figura 6 - Simbolizando regaste em relação à construção dos *n'turudus*



Fonte: o autor.

Os *n'turudus* são de extrema importância nas manifestações carnavalescas. Essas máscaras simbolizam inúmeras coisas que estão em consonância com as nossas realidades. Além do mais, tanto *n'turudu* como a diversidade étnica são muito essenciais para o Carnaval, motivo pelo qual se deve incentivar os jovens para tal construção e, ao mesmo tempo, valorizá-los; desse modo, haverá dinamismo das pessoas em construí-los para a ocasião do Carnaval.

Falar do carnaval guineense, primeiramente o que deixa pessoas mais encantadas com a festa do Carnaval é N'turudu, porque é uma criatividade muito extraordinária que impressionam os jovens.

Resgate e valorização da nossa cultura, assim se pretende que seja o carnaval 2016, da diversidade cultural e sentimento de pertença nacional. Raízes com resgate a História, por delegação da Secretaria de Estado da Juventude, Cultura e desportos, o concurso é promovido pela Comissão Nacional de Organização do Carnaval, que pretendem centralizar o tema na promoção da especificidade do carnaval guineense-NTURUDU. O objetivo está para além do simples convívio, ou desfile, passa também por transmitir saberes de indivíduos e grupos com conhecimentos aprofundo na matéria do rico e

diversificado mosaico étnico-cultural, do ser guineense, num contexto africano e no mundo (AGENDA CULTURAL BISSAU, 2016, p. 09).

Nos últimos anos, constata-se que a comissão organizadora cometeu grandes erros de não dar o devido valor ao Carnaval promovendo a nossa cultura, visto que *N'turudu* é maior símbolo do Carnaval. Não tem piada sair nas ruas de Bissau andar mais de 7 km sem repassar com nenhum *N'turudu*, isso para pessoa que conhece bem o Carnaval guineense vai perceber que mudou alguma coisa na manifestação.

Figura 7- Desfilando com os *n'turudus*



Fonte: Reuters (2016b).

O Ministério de Juventude Cultura e Desporto (MJCD) da Guiné-Bissau perde aquele fama de ser um dos melhores carnavais de África com isso a própria direção está lutando para regatar novamente *N'trudu* tal como na década de 80 e 90 do século XX, em que havia *N'turudus* gigantes ornamentados de distintas formas.

Na década de 80 e 90 do século: XX para desfilar no sector autónomo de Bissau participava 9 bairros de capital (Bissau), cada grupo tem de ter pelo menos noventa pessoas e mais do que 20 na apresentação de *N'turudus* de grande qualidade com mais de três quilos acima de um metro de altura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o Estado guineense não pode voltar a investir na cultura como antes? Uma das coisas que a gente pode apostar é no processo de desenvolvimento do país com um forte investimento para recuperar a nossa cultura. Vontade não falta por parte do povo para fazer isso e, com criatividade, valorizar a nossa identidade.

Um dos fatores que contribuíram para a desvalorização da cultura guineense é o próprio Estado, e imagina a Guiné-Bissau com cultura tão rica e não tem um museu para preservar as imagens culturais do país, por isso estamos a perder a cada dia a nossa verdadeira cultura. No ato do Carnaval é bom que haja representação das nossas manifestações culturais de diferentes etnias, de um lado, e, de outro, portal eletrônico para a exibição do Carnaval, museus para pôr as máscaras do Carnaval².

Também, no decorrer dos desfiles as empresas privadas que passam a organizar o Carnaval preocupam mais em vender as suas imagens pelos estrangeiros em detrimento dos valores culturais guineenses. As mudanças que evidentemente ocorreram têm a ver com a forte presença atrativa dos turistas e o momento de alegria cheio de animações dos artistas.

Isso obviamente é fragilidade do governo para com a sua responsabilidade na promoção da cultura nacional, em função disso enfraquece e acaba dando o evento outra característica, visto que já não está mais na mão do governo, mas sim, nas empresas privadas.

O Estado guineense deve promover mais músicos nacionais para que possa ser um Carnaval tipicamente cultural. Promovendo os músicos nacionais a fim de que possa sobressair e ser reconhecido tanto a nível nacional como a nível internacional.

Portanto, caso queiramos que o nosso carnaval seja como anos atrás é resgatar e trazer de volta o *N'trudu* assim como ocorre no Carnaval de 2016 nas manifestações carnavalescas para manter a nossa tradição, e o governo guineense deve apoiar significativamente com um valor muito elevado a premiação com relação aos vencedores nas categorias de melhores *N'trudus* e de grupos constituídos no Carnaval. Com base nessas afirmações, vejamos a seguir os incentivos do governo em 2016,

² Conforme um dos entrevistados.

Para incentivar a participação dos concorrentes o Governo disponibilizou 80 milhões de francos CFA (122 mil euros) para premiar os vencedores nas categorias do Nturudu e de grupos (...) Cento e cinquenta pessoas inscreveram-se para o concurso do Nturudu. Os três melhores serão premiados, enquanto doze grupos irão disputar o pódio, sendo que oito são das regiões e quatro de Bissau. Como novidades para o Carnaval de 2016, Spencer Embaló apontou a realização dos desfiles a partir do final da tarde – anteriormente aconteciam a meio da tarde – até à noite, festas e música ao vivo em vários locais de Bissau e ainda o levantamento da interdição de captação de imagens por parte dos turistas. “Para nós não faz sentido essa proibição de captação de imagens se é nosso propósito internacionalizar o nosso Carnaval”, defendeu Embaló, que tem como meta, num período de três anos profissionalizar a estrutura organizadora do Carnaval guineense (Desfile de Carnaval em Bissau, 3 de março de 2014) (FONSECA, 2016).

Entretanto, deve-se fazer muitos desdobramentos para que haja mais *N'turudus* no Carnaval; desse modo, haverá mais impacto no mesmo e o governo deve também patrocinar o Carnaval, assim haverá mais incentivo por parte das pessoas a fim de participar tanto como os espectadores quanto como atores.

Portanto, o governo através do Ministério da Educação, Cultura e dos Desportos precisa resgatar a cultura guineense, estipulando a regra de desfile baseada na cultura do país e não premiando qualquer grupo que represente uma cultura que está fora da realidade do país.

REFERÊNCIAS

BIRMINGHAM, David. O carnaval em Luanda. **Análise Social**, Lisboa, v. 26, n. 111, p. 417-429, 1991.

BUENO, Marielys Siqueira. Carnaval, festa, espetáculo. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [S. l.], maio 2012. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/20/msb.html>>. Acesso em: 20 maio 2017.

CABRAL, Sandro; DALE, Krane; FAGNER, Dantas. A dança dos blocos, empresários, políticos e técnicos: condicionantes da dinâmica de colaboração interorganizacional do carnaval de Salvador. **Organização & Sociedade**, Salvador, v. 20, n. 64, p. 145-163, jan./mar. 2013. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/11232/8142>>. Acesso em: 20 maio 2017.

CARNAVAL58. **Gbissau.com**, [S. l.], 17 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.gbissau.com/2015/02/17/chao-de-papel-varela-vence-carnaval-de-2015/carnaval58>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

CASTRO, Armando Alexandre. Turismo e carnaval na Bahia. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/download/94/89>>. Acesso em: 20 maio 2017.

CHÃO de Papel/Varela distinguido como melhor grupo. **Agência de Notícias da Guiné, Bissau**, 18 fev. 2015. Disponível em: <http://angnoticias.blogspot.com.br/2015/02/carnaval-2015_18.html>. Acesso em: 11 jun. 2017.

COSTA, Haroldo. **Política e religiões no carnaval**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2007.

DINIZ, André. **Almanaque do carnaval**: a história do carnaval, o que ouvir, o que ler, onde curtir. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DJOB, Pate Cabral. **Carnaval "Guiné-Bissau!!!!"** [S. l.], 2015. Disponível em: <<http://conosaba.blogspot.com.br/2013/12/carnaval-guine-bissau.html>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

FREITAS, Joseania Miranda. O carnaval afro-brasileiro em Salvador: patrimônio da cultura brasileira. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., Coimbra, 2004. **Anais...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel61/JoseaniaFreitas.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2017.

GERMANO, Iris. O Carnaval no Brasil: da origem europeia à festa nacional. **Caravelle**, v. 73, n. 1, p. 131-145, 1999. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/carav_1147-6753_1999_num_73_1_2857>. Acesso em: 20 maio 2017.

GERTNER, Rosane; CARNAVAL, Juliana. Marketing cultural no Brasil: teoria e prática. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓSGRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 23., [S. l.], 1999. **Anais...** [S. l.], 1999. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad1999-mkt-08.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2017.

INCOPTÉ, Edson. [Foto do Carnaval na Guiné-Bissau em 2015]. In: DJOB, Pate Cabral. **'Bairro de Chão de Papel' vence desfile de Carnaval 2015 na Guiné-Bissau**. [S. l.], 2015. Disponível em: <<http://conosaba.blogspot.com.br/2015/02/bairro-de-chao-de-papel-vence-desfile.html>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

LÓSSIO, Rúbia; CESAR, Pereira. **História e estórias do Carnaval em Pernambuco**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2008.

FONSECA, Luis. Guiné-Bissau celebra Carnaval do “Nturudu”. **Observatório da Língua Portuguesa**, [S. l.], 7 fev. 2016. Disponível em: <<http://observalinguaportuguesa.org/guine-bissau-celebra-carnaval-do-nturudu>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

BARBOSA, Ludmyla. **História do Carnaval**. [S. l.], [200-?]. Disponível em: <<http://historia-do-carnaval.info>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

NHAGA, Ghorque Joaquim. Dia da Pátria, Desporto e o Carnaval. In: _____. **Formação de identidade nacional na Guiné-Bissau**. 2011. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2104/1/2011_GhorqueJoaquimNhaga.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2017.

REUTERS. Africa in pictures: 5-11 February 2016. **BBC News**, [S. l.], 12 fev. 2016a. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-35549626>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

_____. Conheça o carnaval de Guiné-Bissau. **O Estadão**, São Paulo, 07 fev. 2016b. Disponível em: <<http://fotos.estadao.com.br/galerias/geral,conheca-o-carnaval-de-guine-bissau,23806>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

RODRIGUES, Sofia da Palma. O maior Carnaval de África. **Diário de Notícias**, Lisboa, 16 fev. 2013. Disponível em: <<https://www.dn.pt/revistas/nm/interior/o-maior-carnaval-de-africa-3057112.html>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

SILVA, Bruna Gomes Lopes Sampaio. **Carnaval de Salvador: como a economia transformou a manifestação popular em produto da indústria cultural**. 2009. 139 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. **Africanização do carnaval de Salvador: a re-criação do espaço carnavalesco (1876-1930)**. 1995. 228 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. Diversidade no carnaval de salvador: as manifestações afro-brasileiras (1876-1930). **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 14, fev. 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11242/8250>>. Acesso em: 22 abr. 2016.